

## AS LEITURAS HEINIANAS DE NIETZSCHE AMBIVALÊNCIA E CONTRADIÇÕES DE JUÍZOS \*

As leituras que Nietzsche faz da obra de Heine e os juízos que sobre ela e o seu autor emite não são tema apenas de hoje, mas desde há muito que leitores de ambos os autores se têm debruçado sobre ele, abordando-o nas mais diferentes perspectivas. A lista dos trabalhos tratando tal assunto abarca já um considerável número de títulos<sup>1</sup>. Nietzsche foi, sem sombra de dúvida, um leitor assíduo e empenhado da obra de Heinrich Heine. O seu entusiasmo e a sua admiração incondicional vão sobretudo para a lírica heiniana. Contava o filósofo apenas 15 anos e já, ao ler *Lyrisches Intermezzo*, o arrebatavam a suavidade e a doce e apaixonada musicalidade dessa lírica<sup>2</sup>. Heine continuaria a ser para Nietzsche a mais alta expressão lírica até o envolver a penumbra da alienação. Nos fragmentos do espólio, referentes ao Outono de 1887, apelida-o de imortal e coloca-o lado a lado com o seu “irmão em génio” francês, Alfred Musset, pois ambos escalaram o cume da lírica moderna<sup>3</sup>. Pouco antes do colapso verificado em Turim, a 3 de Janeiro de 1889, confessava Nietzsche em *Ecce Homo* ter sido Heine a transmitir-lhe “o mais elevado conceito de lírico”, e acrescentava: “É em vão que busco, ao

---

\* Este texto tem como base a comunicação apresentada pelo autor no Colóquio Internacional *Heinrich Heine. Differenz und Identität. Europäische Perspektiven im 19. Jahrhundert* (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 4 e 5 de Dezembro de 1997).

<sup>1</sup> Veja-se Gerhard Höhn, “‘Farceur und Fanatiker des Ausdrucks’. Nietzsche, ein verkappter Heineaner?”, in *Heine-Jahrbuch*, 36. Jahrgang, 1997, Stuttgart, Weimar, p. 151, nota 4.

<sup>2</sup> Cf. G. Höhn, *ibid.*

<sup>3</sup> Friedrich Nietzsche, *Sämtliche Werke*. Kritische Studienausgabe in 15 Bdn. Hrsg. von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. München, Deutscher Taschenbuch Verlag, 1980, SW 12, 475. As referências e citações serão feitas sob a sigla SW com indicação do volume e da página.

longo dos milénios, uma musicalidade tão doce e tão apaixonada”<sup>4</sup>. Factores múltiplos motivaram Nietzsche a interessar-se tanto pela obra do lírico e a ser dela leitor tão entusiasta. O perfeito domínio da língua, a arte com que manejava a língua alemã, o virtuosismo do seu estilo, cedo lhe captaram o entusiasmo e a admiração. Ecos e marcas desse entusiasmo e dessa admiração são uma constante tanto na obra como na abundante correspondência do filósofo. “Ele possuía aquela malícia sem a qual me é impossível conceber a perfeição, — [...] — E a sua mestria em manejar o Alemão!”, exclama Nietzsche<sup>5</sup>. E contudo não escapa ao leitor atento que, apesar de tanto entusiasmo e admiração, não estão ausentes da obra do admirador expressões reveladoras de uma certa ambivalência e mesmo de contradições nos juízos aí emitidos. São constatáveis diferentes fases e diferentes contextos de recepção heiniana na obra de Nietzsche. Não raramente a crítica negativa ensombra as referências encomiásticas. Sobretudo numa fase que se estende até 1876, ano do corte definitivo com Wagner, é o leitor confrontado com essa avaliação ambivalente, e até certo ponto contraditória, que Nietzsche faz de Heine e de aspectos do seu estilo literário. As referências ao grande lírico não excluem frequentes juízos disfóricos. Deles encontra o leitor ecos em alguns fragmentos do espólio referentes à estada do filósofo em Basileia (1869-1879). Em 1872 Nietzsche empreende uma crítica sem contemplações à cultura alemã, rejeitando tudo o que é alemão, sobretudo a cultura alemã do seu tempo. Na vitória que em 1871 as armas alemãs alcançaram sobre a França vê ele um grande perigo para a cultura alemã. Afinal a vitória militar dos alemães corresponde, na sua óptica, à derrota cultural da Alemanha e à vitória cultural da França. Em *Considerações Inactuais I*, de 1873, lembra que uma grande vitória pode significar também um grande perigo e chama a atenção dos alemães para o facto de uma vitória se poder metamorfosear numa derrota total, “na derrota ou até no extermínio do espírito alemão em proveito do ‘Reich Alemão’ ”<sup>6</sup>. Ao redigir mais tarde *O Crepúsculo dos Ídolos*, escreverá: “[...] no mesmo instante em que a Alemanha ressurgue como potência, adquire a França uma outra importância enquanto potência cultural”<sup>7</sup>. Nietzsche está convicto de que na Alemanha até o simples conceito de cul-

---

<sup>4</sup> SW 6, 286.

<sup>5</sup> *Ibid.*

<sup>6</sup> SW 1, 159-160.

<sup>7</sup> SW 6, 106.

tura se perdeu<sup>8</sup>. À medida que se afirmavam o *Reich* e o nacionalismo, ia soçobrando a cultura alemã. Em *Ecce Homo* pode ler-se: “[...] onde a Alemanha chega, adultera a cultura”<sup>9</sup>. No capítulo da cultura os alemães deixaram entretanto de desempenhar qualquer papel digno de menção. Deixou de ser possível citar um único nome alemão que tenha um alcance ou uma ressonância europeia, como acontecia no passado com Goethe, Hegel, Heine ou Schopenhauer, nomes que Nietzsche refere. A seus olhos o nome de Heine ultrapassou, pois, as fronteiras alemãs e adquiriu um alcance europeu, apesar de antes lhe ter atribuído uma febre política que acentuava o seu nacionalismo e fazia dele um “desastre” da cultura alemã<sup>10</sup>. E responsabiliza-o por, juntamente com Hegel, ter exercido uma influência negativa na língua alemã, em que é detectável um calão de cambiantes nacionalistas, presente em cada palavra e em cada expressão, o que Nietzsche considera ser totalmente de rejeitar<sup>11</sup>. Tais afirmações revelam quão ambivalentes e até contraditórios eram os juízos de Nietzsche relativamente a Heine. Essa ambivalência e essa contradição estão ainda mais patentes quando se trata de classificar o estilo heiniano, nem sempre sendo fácil concluir onde termina o juízo laudatório e começa o juízo negativo. Heine é acusado de praticar uma grande confusão de estilos, que chega a ferir a vista e que faz dele um autêntico “farsante”, colocando-o à margem do sentido da unidade cromática do estilo. Não pode ser tomado a sério quem, como ele, ao escrever, prefere a multiplicidade policroma. O seu estilo assemelha-se à casaca policroma de qualquer palhaço ou ao reflexo colorido dos jogos eléctricos. É este o juízo que Nietzsche emite sobre o estilo do autor dos *Reisebilder* nos fragmentos do espólio referentes aos anos de 1873<sup>12</sup> e de 1876, em que afirma expressamente:

[Heine] destrói a obra mal terminada dos nossos grandes mestres da língua, i. é, o sentimento ainda mal adquirido da cor uniforme do estilo; prefere a casaca colorida do palhaço. As suas ideias, as suas imagens, as suas observações, os seus sentimentos, as suas palavras, não encaixam uns nos outros; como virtuoso domina todos os géneros estilísticos, mas serve-se desse domínio apenas para os baralhar. [...] tudo [...] em Heine é jogo eléctrico de cores, que fere terrivelmente a vista<sup>13</sup>.

<sup>8</sup> SW 1, 163.

<sup>9</sup> SW 6, 285.

<sup>10</sup> SW 7, 504.

<sup>11</sup> *Ibid.* 598.

<sup>12</sup> *Ibid.* 595.

<sup>13</sup> SW 8, 281.

Face a juízos tão pouco lisonjeiros a respeito de Heine enquanto estilista, devemos-nos interrogar em que conceito tem Nietzsche o poeta, em termos gerais. Afinal temos que constatar que tanto a policromia como o jogo de cores serão mais tarde admitidos como características do poeta, se não por Zaratustra-Nietzsche, pelo menos pelo Zaratustra de Nietzsche. Em *Assim Falava Zaratustra*, na “Canção da Melancolia” pode ler-se que o poeta vagueia pelas florestas virgens “mascarado de variegadas cores [...], por entre feras pintalgadas, pecaminosamente sadio e policromo”<sup>14</sup>. Mas não é só a policromia que é característica do poeta. É-o igualmente a mentira. Na opinião de Zaratustra “os poetas mentem demasiado”<sup>15</sup>. À pergunta se o poeta é “o pretendente da verdade” ele responde com um inequívoco “não”, e define-o como “um animal astuto, rapace, furtivo, que tem que mentir consciente e voluntariamente”<sup>16</sup>. Se os poetas têm que mentir, então não é para admirar que Heine seja também referido como “actor”<sup>17</sup>, i. é, quase como mentiroso e consequentemente tem fundamento toda a desconfiança com que ele deve ser lido, e justifica-se a exclamação de Nietzsche: “Vai-se lá acreditar na veracidade de sentimentos de um Heine!”<sup>18</sup>.

Já vimos que com a rápida ascensão do nacionalismo alemão, quando começou a soprar sobre a Alemanha “o maldito vento do germanismo exacerbado”<sup>19</sup>, Nietzsche foi desenvolvendo em si uma grande alergia a tudo quanto fosse alemão. Em *Ecce Homo* escreve: “Sendo eu, nas minhas tendências mais profundas, alheio a tudo quanto seja alemão, basta a proximidade de um alemão para me atrasar a digestão”<sup>20</sup>. É ainda essa mesma alergia que o motiva a afirmar: “os alemães não têm comigo parentesco”; quem quiser ser bom alemão terá que “se desgermanizar”<sup>21</sup>. A crítica que Nietzsche faz à cultura dos anos da fundação do *Reich* vai-se tornando cada vez mais azeda e implacável, crítica que resulta da sua íntima convicção de que uma cultura atinge o seu auge em eras politicamente fragilizadas e de que todas as grandes épocas culturais correspondem a períodos de declínio político<sup>22</sup>.

<sup>14</sup> SW 4, 371-372.

<sup>15</sup> *Ibid.* 163.

<sup>16</sup> *Ibid.* 371.

<sup>18</sup> SW 11, 84.

<sup>19</sup> SW 7, 657.

<sup>20</sup> Friedrich Nietzsche, *Briefwechsel*. Kritische Gesamtausgabe in 17 Bdn. Hrsg. von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin, New York: de Gruyter, 1975-1984. B III/5, 359. As referências e citações serão feitas sob a sigla B com indicação da secção (romano), volume e página (árabe).

<sup>21</sup> SW 6, 288.

<sup>22</sup> SW 14, 482.

Com a luta de Nietzsche “contra a ‘Alemanha’ e por uma mentalidade cosmopolita”<sup>23</sup> e com a mudança no seu relacionamento com Wagner (1876) também se alteraram radicalmente os seus juízos relativamente a Heine. Importa, porém, sublinhar que tal alteração contempla sobretudo a sua produção literária. No que se refere à postura de Heine em geral, é notório que continua uma certa dialéctica de apreciação, mesmo após 1876. Neste novo período acentua-se a admiração do filósofo pela obra heiniana. Nietzsche coloca-se ao lado de Heine, num empenhamento incondicional de defesa contra os que o difamavam, de tal forma que a cada tomada de posição contra o *Reich* correspondia sempre uma tomada de posição a favor do poeta<sup>24</sup>. Heine é então entronizado ao lado de Goethe como a mais alta expressão da poesia alemã. Nos fragmentos do espólio (Maio e Junho de 1885) pode ler-se: “A Alemanha só produziu um poeta para além de Goethe, esse poeta é Heinrich Heine e para mais trata-se de um judeu. [...] ele tinha um instinto muito apurado para essa flor azul ‘o alemão’”, e logo a seguir: “e claro também para esse burro pardo ‘o alemão’”<sup>25</sup>. Um pouco mais tarde Nietzsche alteraria ligeiramente a sua opinião sobre ambos os poetas, privilegiando Heine: “os alemães [...] têm mais que agradecer a Heine do que a Goethe”<sup>26</sup>.

Nos mesmo fragmentos (Junho-Julho) Nietzsche manifesta uma clara opção por uma Europa unida e uma incondicional rejeição de qualquer febre patriótica. Guerras nacionais, novos impérios ou quaisquer outros fenómenos não o interessam. O que verdadeiramente o interessa é o que, lenta e timidamente, começa a desenhar-se no horizonte, a saber, uma Europa unida, como ele próprio afirma: “De todas estas guerras nacionais, novos impérios e seja o que for que se apresente em primeiro plano, de tudo isso eu desvio o olhar; o que me interessa é uma Europa unida, que eu vejo desenhar-se lenta e timidamente”<sup>27</sup>. E aqui é de sublinhar a flagrante coincidência dos esforços actuais por criar a unidade europeia e esta postura de Nietzsche, que já se considera mais um europeu do que um alemão. Numa carta endereçada à mãe

<sup>23</sup> SW 6, 106.

<sup>24</sup> Matthias Politycki, *Umwertung aller Werte? Deutsche Literatur im Urteil Nietzsches*. Berlin, New York: de Gruyter, 1989, p. 199.

<sup>25</sup> Cfr. Renate Müller-Buck, “Heine oder Goethe? Zu Friedrich Nietzsches Auseinandersetzung mit der antisemitischen Literaturkritik des ‘Kunstwart’”. *Nietzsche-Studien*, Bd. 15. Berlin, New York: de Gruyter, 1986, p. 280.

<sup>25</sup> SW 11, 472.

<sup>26</sup> B III/5, 359-360.

<sup>27</sup> SW 11, 583.

em 1886 escreve: “Pode ser que eu seja um mau alemão, em todo o caso considero-me um bom europeu”<sup>28</sup>. É ainda no contexto das suas convicções europeístas que se insere o seu entusiasmo por Heine, que ele considera como um acontecimento mais europeu do que local, por ser nele que encontra expressão o vigor da cultura europeia. E apesar disso uma vez mais o leitor se vê confrontado com a ambivalência e até as contradições de avaliação. Nietzsche insere Heine num grupo que abarca tanto alemães como franceses e atribui-lhes horas repletas de profundidade, mas igualmente horas cheias de fraqueza. Quando se empenhavam em preparar uma “síntese” europeia de povos e de pátrias e em antecipar o europeu do futuro, eles tiveram as suas horas profundas. Quando, porém, se revelavam patriotas e recaíam na estreiteza das pátrias e dos povos, era o tempo das suas horas débeis. Nietzsche cita alguns nomes que integram esse grupo: “Penso em homens como Napoleão, Goethe, Beethoven, Sthendal, Heinrich Heine, Schopenhauer, e talvez também Richard Wagner deva ser aqui nomeado”<sup>29</sup>. Em *Para Além do Bem e do Mal*, publicado em 1886, no capítulo intitulado “Povos e Pátrias”, Nietzsche denuncia a loucura nacionalista em que a alienação doentia dos povos da Europa encontra solo fértil onde pode lançar raízes. Na sua crítica acerada, também não esquece os políticos “de visão curta e de mãos rápidas”. Eles não querem ver os sinais inequívocos do desejo de uma Europa unida, ou então interpretam-nos de forma “arbitrária e mentirosa”. No final e em contexto idêntico refere uma vez mais os nomes dos mesmos homens que, em oposição à loucura nacionalista acima referida, se empenharam em preparar o caminho para uma unificação europeia, mas que nas suas horas mais débeis e em idade mais avançada também se optaram pela pátria, tornando-se patriotas. Heine, “nas suas horas profundas e débeis”<sup>30</sup> encontra-se entre eles. Mas mesmo assim ele permanece, juntamente com Wagner, “uma realidade capital na história do ‘espírito europeu’, da ‘alma moderna’”. Eles são “ambos os maiores embusteiros com que a Alemanha presenteou a Europa”<sup>31</sup>. Nietzsche não diz como ou com quê Heine enganou a Europa. Fê-lo enquanto patriota ou enquanto poeta? Partindo da afirmação de que os poetas mentem muitíssimo, deve concluir-se que também enganam muitíssimo. De qualquer forma é este o último juízo que Nietzsche emite sobre

---

<sup>28</sup> B III/3, 233.

<sup>29</sup> SW 11, 583.

<sup>30</sup> *Ibid.* 5, 202

<sup>31</sup> *Ibid.* 13, 500.

Heine enquanto “acontecimento europeu”. “Com Heinrich Heine, o vigor da cultura europeia apresenta-se em toda a sua pujança”<sup>32</sup>.

Na Europa unificada, à qual Nietzsche dá a sua incondicional adesão, destaca-se sobretudo a França com a sua cultura. À depreciação crescente de tudo quanto é alemão corresponde a admiração por tudo quanto é francês. E Heine, o “acontecimento europeu”, torna-se também um acontecimento francês e sobretudo um acontecimento parisiense. Depois de ter optado decididamente pela cultura europeia, Nietzsche estreita o âmbito das suas opções culturais, e a cultura francesa, ou melhor dizendo a cultura parisiense, ganha supremacia. A explicação para esta viragem encontramos-a em *Ecce Homo*; a cultura europeia degenerou, tornando-se um grande equívoco, como o autor afirma: “Acredito apenas na cultura francesa e considero um equívoco tudo quanto, na Europa, se chama ‘cultura’, para já não falar da cultura alemã...”<sup>33</sup>. Dentre os representantes dessa cultura francesa Nietzsche destaca uma mão cheia de autores vivendo em Paris, entre os quais Paul Bourget, Pierre Loti, Anatole France e Guy de Maupassant, aos quais chama «psicólogos sensíveis» e pelos quais revela grande consideração, por ainda não estarem corrompidos pela filosofia alemã, ao contrário dos grandes mestres, como Taine, o qual se deixou corromper por Hegel<sup>34</sup>. Os poucos casos de alta cultura que Nietzsche detectou na Alemanha eram de ascendência francesa. O leitor depara a cada passo com a admiração e o entusiasmo do filósofo por tudo quanto tenha um sabor francês ou parisiense, tanto nas suas cartas, como na sua obra. Já em *Considerações Inactuais I* Nietzsche sublinha a total dependência alemã relativamente a Paris e essa dependência perdurará por longo tempo, pois a Alemanha não possui uma cultura “original”<sup>35</sup>. Em carta datada de 1875 e endereçada a Sophie Ritschl, esposa do seu professor de Filologia em Leipzig, Nietzsche sublinha, de forma algo jocosa, a sua inclinação por tudo quanto seja francês e parisiense: “Lamento, mas sinto inclinação pelo folhetim francês, pelos *Reisebilder* de Heine, etc., e prefiro um *ragoût* a um *Rinderbraten*”<sup>36</sup>. Para o filósofo de Röcken a França é não só a sede da cultura europeia na sua expressão mais intelectual e mais fina, mas também a escola superior do bom gosto. Nem todos os franceses, porém, pertencem a esta escola. Apenas um reduzido número, que se mantém oculto no fundo do palco cultural

---

<sup>32</sup> *Ibid.*, 532.

<sup>33</sup> SW 6, 285.

<sup>34</sup> *Ibid.*

<sup>35</sup> *Ibid.* 1, 164.

<sup>36</sup> B I/2, 299.

francês, à margem da “estupidez louca e do palavreado barulhento do burguês democrático”<sup>37</sup>. No primeiro plano movimenta-se a maioria, os tontos e os rudes. Todos eles se distinguem pelo grande desejo de permanecer imunes à germanização cultural, mas debalde, pois na França intelectual, a qual já cultivava o pessimismo, Schopenhauer é mais da casa e está mais aclimatado, do que algum dia o foi na Alemanha. A França está igualmente sob a forte influência de Hegel e vai-se notando uma lenta “wagnerização” da música francesa. Nietzsche está convicto de que também os poetas, que têm a sua época de ouro em França e particularmente em Paris, estão sob a influência de Heine e que o culto heiniano assentou arraiais não já na Alemanha mas sim em Paris. Nos fragmentos do espólio do ano de 1888 Nietzsche escreve: “A mais antiga e a mais tardia cultura da Europa é representada, sem sombra de dúvida, por Paris; l’*esprit* de Paris é a sua quintessência”<sup>38</sup>. Assim sendo, o artista não tem pátria na Europa, mas apenas em Paris. Por isso o artista, enquanto artista, é na Alemanha um “apátrida”. Mas, como afirma Nietzsche: “Na Alemanha não se tem a mínima ideia da enorme ambição que habita na alma de um artista parisiense”<sup>39</sup>.

Os franceses estão convictos de que Heine, com mais dois não parisienses, representa a quintessência do espírito parisiense”<sup>40</sup>. Nesta passagem Nietzsche não diz quem são esses dois parisienses. Dois anos mais tarde, porém, revela os seus nomes. Pelos fragmentos do espólio redigidos entre Novembro de 1887 e Março de 1888, fica-se a saber que se trata de Ferdinando Galiano, literato e economista italiano, e do príncipe von Ligne, marechal e escritor austríaco. E mais tarde, nos mesmos fragmentos, referentes aos meses de Julho e Agosto, encontramos repetidos os seus nomes, na seguinte passagem: “Os mais mimados parisienses, porém, tais como os Goncourt, não hesitaram em reconhecer em Heine um dos três cunes do *esprit parisien*; ele partilha essa honra com o príncipe de Ligne e o napolitano Galiani”<sup>41</sup>. Heine, portanto, caracteriza-se pelo seu “*esprit français*” e é esse também o motivo porque os poetas líricos de Paris, que tanto apreciam nos estrangeiros esse espirituoso *charme*, quando se referem a Heine, lhe chamam sempre “l’adorable Heine”<sup>42</sup>. Nietzsche cita, no original francês, a

<sup>37</sup> SW 5, 198.

<sup>38</sup> SW 13, 532.

<sup>39</sup> SW 6, 289.

<sup>40</sup> SW 11, 472.

<sup>41</sup> SW 13, 533.

<sup>42</sup> SW 6, 427.



seguinte passagem do *Journal des Goncourts*: “Rien de plus charmant, de plus exquis que l’esprit français des étrangers, l’esprit de Galiani, du prince de Ligne, de Henri Heine.”<sup>43</sup> Tais palavras confirmam que “Heine já há muito penetrou na carne e no sangue dos mais finos e exigentes poetas líricos de Paris” e “dos mais profundos e sensíveis líricos de França”<sup>44</sup>.

Porque Heine cometeu um “crime” contra os alemães, estes exilaram o seu culto para Paris. Nietzsche diz-nos que género de “crime” é que Heine cometeu e que justifica o exílio do seu culto:

“Heine tinha bom gosto que chegasse, para não tomar os alemães a sério; [...] Hoje na Alemanha é considerado crime que Heine tenha tido bom gosto e que se tenha rido; é que os alemães de hoje tomam-se a si próprios desesperadamente a sério”<sup>45</sup>.

É este um dos motivos por que Heine é caluniado na Alemanha, mas não é o único; é que ele, além dos mais, também é judeu. Quem são afinal os seus caluniadores e de que maneira o caluniam? Trata-se sobretudo de um grupo de escritores e ensaístas que perfilham um anti-semitismo agressivo, todos eles possuídos do espírito alemão do *Reich*. Quase todos eles são colaboradores da revista artística “Kunstwart”, fundada em Dresden, em Outubro de 1887, por Ferdinand Avenarius. A revista rapidamente se transformou num órgão de propaganda anti-semita. As suas páginas acolhiam artigos polémicos, onde eram atacados impiedosamente poetas e escritores judeus, que eram difamados, sendo apresentados como o “escárnio do povo alemão”<sup>46</sup>. Os autores desses artigos incitavam os alemães a acautelarem-se de “tais naturezas”. O alvo de tais ataques é contudo, em primeira linha, o judeu Heinrich Heine. Os seus *Reisebilder*, apelidados de “porcaria”, são denunciados como “cínicos” e acusados de “blasfémia”<sup>47</sup>. Victor Hehn, em *Gedanken über Goethe* (1887), expressa a sua convicção de que Heine encarna “o perigo de alastramento do domínio judaico também ao campo da literatura”<sup>48</sup>. Heine é apelidado de “travão ao progresso cultural da nação

---

<sup>43</sup> SW 13, 123.

<sup>44</sup> SW 5, 198 e 6, 427.

<sup>45</sup> SW 13, 533.

<sup>46</sup> Matthias Politycki, *op. cit.*, p. 287,290.

<sup>47</sup> *Id.*, *ibid.*

<sup>48</sup> *Apud* Renate Müller-Buck, “Heine oder Goethe? Zu Friedrich Nietzsches Auseinandersetzung mit der antisemitischen Literaturkritik der ‘Kunstwart’ ”, in *Nietzsche-Studien*, Bd. 15, Berlin/N. York, de Gruyter, 1986, p. 270.

alemã” e de “difusor de toda a indecência e devassidão”. Quanto à sua obra, ela é referida como “refugo, tanto ética como esteticamente”<sup>49</sup>. Nietzsche, havia meses assinante da revista, fica indignado com tais ataques. Esse “maldito anti-semitismo”<sup>50</sup> desperta nele um nojo enorme, que o motiva a empenhar-se numa veemente defesa de Heine e a cancelar imediatamente a assinatura da revista. Em carta datada de 18 de Abril de 1888 dirige-se ao amigo Franz Overbeck, pedindo-lhe que escreva ao editor, para lhe comunicar “que o Prof. Nietzsche expressa o seu desejo de que deixem de lhe ser enviados os futuros números de ‘Kunstwart’ ”. E quanto à sua verdadeira opinião relativamente a “Kunstwart”, fica-se a saber qual é através da mesma carta, em que a revista é apelidada de “refugo” e de “publicação infame”<sup>51</sup>. No esboço de uma outra carta, escrita pouco antes do dia 20 de Julho de 1888 e endereçada a Ferdinand Avenarius, comunica ao destinatário a razão que o leva a cancelar a assinatura da revista, afirmando: “é que eu fiquei realmente chocado; com o descrédito a que é votado Heinrich Heine, precisamente agora que sopra um maldito vento de germanismo exacerbado, não tenho contemplanções para com tais transigências”<sup>52</sup>. Noutra carta a Franz Overbeck, de 20 de Julho de 1888, Nietzsche refere mais uma vez o motivo por que é que não quer continuar a receber “Kunstwart”: “A revista toca a trombeta do germanismo exacerbado e lançou o descrédito sobre Heinrich Heine, da forma mais indecorosa”<sup>53</sup>. Lendo-se estas duas cartas, fica-se com a impressão de que o melindre de Nietzsche está relacionado com o facto de o descrédito a que é lançado Heine se verificar numa altura de fervor nacionalista, e de que talvez tudo não fosse assim tão trágico, caso isso se verificasse num contexto diferente. A crítica implacável que Nietzsche faz ao doentio nacionalismo alemão do *Reich* cria o cenário e o clima para um veemente empenhamento na defesa de Heine.

Ao finalizar deve ser ainda dito, no que se refere à arte de manejar a língua alemã, e porque a modéstia não faz parte da moral dos senhores da axiologia nietzschiana, que Nietzsche considera oportuno colocar-se, no que se refere a essa arte, ao mesmo nível de Heine: “Um dia dir-se-á que Heine e eu, fomos, de longe, os primeiros artistas da língua alemã, a uma distância

---

<sup>49</sup> Renate Müller-Buck, *ibid.*, 268, 271-272.

<sup>50</sup> B III/1, 493.

<sup>51</sup> B III/5, 297.

<sup>52</sup> *Ibid.* 539.

<sup>53</sup> *Ibid.* 362.

imensurável de tudo quanto os simples alemães com ela fizeram”<sup>54</sup>. Deve dizer-se, aliás, em abono da verdade, que com tal afirmação Nietzsche peca, é certo, contra a modéstia, mas não contra a verdade. A crítica de todos os tempos é unânime em afirmar que o eremita de Sils-Maria pertence, ao lado de Goethe e de Heine, aos maiores estilistas da língua alemã. Já em 1889 escrevia Leo Berg em ensaio sobre Nietzsche: “Podemos pensar o quisermos a respeito de Nietzsche, quanto ao escritor que nele existe não restará brevemente mais dúvida alguma. Ele é o maior virtuoso da língua alemã.” E muito mais tarde Gottfried Benn referir-se-lhe-á como “o maior génio linguístico alemão desde Lutero”<sup>55</sup>.

Resumindo. Embora Nietzsche expresse repetidas vezes a sua admiração pela obra de Heine em geral e particularmente pela sua lírica, também é detectável, a cada passo, uma avaliação ambivalente, uma dialéctica e até uma certa contradição na maneira de julgar. Nietzsche refere-se-lhe como o maior lírico e o primeiro “artista” da língua alemã, mas também o apelida de primeiro pai do mau estilo e censura-o por uma grande confusão de géneros estilísticos. Admira o virtuosismo do seu estilo e simultaneamente acusa-o de falta de unidade estilística. Heine é o embusteiro, o farsante, o actor. Caracteriza-o como um acontecimento europeu, e, ao mesmo tempo, atribui-lhe febre patriótica. Empenha-se na defesa de um Heine de horas profundas, mas que também tem as sua horas de debilidade. Não passará a valorização que Nietzsche faz de Heine de uma mera desvalorização de tudo quanto é alemão? Quando Nietzsche afirma que Heine é um acontecimento europeu trata-se de um elogio ao poeta ou de uma crítica à Alemanha? A defesa que Nietzsche faz de Heine não será apenas o reverso do ataque à Alemanha “patriótica” ou vice-versa? São perguntas que se levantam, quando nos confrontamos com a avaliação que Nietzsche faz de Heine; mas o filósofo, aliás, já há muito que nos habituou à ambivalência, à ambiguidade e até às contradições dos seus juízos.

*Américo Monteiro*

---

<sup>54</sup> SW 6, 286.

<sup>55</sup> *Apud* Bruno Hillebrand (Hrsg), *Nietzsche und die deutsche Literatur* — I. Texte zur Nietzsche-Rezeption 1873-1963, Tübingen, Niemeyer, 1978, p. 4.